

um meio de transformação espiritual, uma *metanoia*, em suma. Sentiu-se, pois, atraído por «aquela espécie de filosofia» que se chama \nearrow pragmatismo, por ver nela um modo de actuar sobre a realidade imediata, concreta, particular.

Considerado como um dilettante ou um literato pelos graves filósofos de vocação ou de «profissão», P., na sua insatisfeita peregrinação intelectual, percorreu todos os caminhos: foi super-humanista com Nietzsche, intuicionista com Bergson, pragmatista com W. James, futurista com Marinetti, nacionalista com Corradini, enfim católico tridentino e precursor do Concílio Vaticano II. Desenganado nas suas ambições e ilusões filosóficas, P. reconheceu, em polémica com o idealismo de Croce e de Gentile, que «La religione sta da se» (título de um famoso escrito de 1908), defendendo a autonomia da religião e o seu primado sobre a Filo. Tocado pela fé, não isenta porém de dramáticas dúvidas e alguma heterodoxia (que teve a sua expressão clamorosa no livro *O Diabo*, de 1953), P. acabou por se realizar como ensaísta, polemista, biógrafo, poeta em prosa e prosador de arte, de grande eloquência e imaginação. A parábola da vida e da obra de P. (como escreveu o crítico Carlo Bo) pode traçar-se como uma acidentada viagem que, partindo de uma Florença provinciana e finessesecular à descoberta do universo das ideias, a Florença regressa para redescobrir o seu génio e a sua arte — o mundo visível que teve o seu máximo esplendor no Renascimento, a época por excelência da «imitação do Pai» ou dos grandes criadores. Voltando enfim a si próprio, ao seu mundo interior, P., na sua longa agonia (o agonismo foi, no campo espiritual, o seu laço de parentesco com Unamuno), mostrou, mais com o exemplo de que com a palavra, que a essência da Filo. é aprendizagem da morte.

OBRAS: escritor fecundo, com mais de 60 títulos publicados, registam-se aqui tão-só os de maior significado filosófico — *Il Crepuscolo dei Filosofi*, Milão, 1906; *Un Uomo Finito*, Florença, 1912 (trad. port., *Um Homem Liquidado*, Coimbra, 1948); *Pragmatismo*, Milão, 1913; *Gli Amanti di Sofia*, Florença, 1932; *L'Imitazione del Padre*, Florença, 1942. Na publicação de *Tutte le Opere* de P. tem particular interesse os vols. *Testimonianze e Polemiche Religiose*, Milão, 1960, e *Filosofia e Letteratura*, Milão, 1961.

BIBLIOGRAFIA: William James, «G. Papini and

Pragmatist Movement in Italy», in *Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Method*, 3, 1906, republicado em *Collected Essays and Reviews*, Nova Iorque, 1920; Eugenio Garin, *Cronache di filosofia italiana*, Bari, 1955; Roberto Ridolfi, *Vita di Giovanni Papini*, Milão, 1957; Antonio Santucci, *Il Pragmatismo in Italia*, Bolonha, 1963; AA. VV., *Giovanni Papini nel centenario della nascita* (Atti del Convegno di Studi), Milão, 1982 (cf. sobretudo as comunicações de A. Santucci, «Papini e il pragmatismo», G. Invitto, «Papini e l'idealismo italiano», Corrado Rosso, «Papini e Bergson», e F. Piga, «Papini e Nietzsche»).

João Bigotte Chorão

PARAIN (Brice)

Escritor e pensador francês (n. Jouanne, 1897-m. Paris, 1971). Estreitamente ligado a Jean Paulhan na orientação da *Nouvelle Revue française*, é um lúcido apaixonado pela reflexão sobre os fundamentos da linguagem, quer na sua actividade principal de ensaísta, quer nas excelentes experiências de romance psicológico (*La Mort de Socrate*, 1950; *Joseph*, 1964), quer na incursão teatral de *Noir sur blanc* (peça encenada em 1961, texto aparecido em *Sur la dialectique*, 1953). Em *Recherches sur la nature et les fonctions du langage* (1942), B. Parain procede a uma questionação gnosiológica; a convicção anticéptica, que aí manifesta, de que a linguagem, abertura para uma ordem transcendente (Deus), é simultaneamente expressão do objectivo e do universal e obedece a uma lei da verdade, constitui a tese desenvolvida em *Essai sur le logos platonicien* (1942). Se as obras precedentes ilustravam já a reflexão filosófica com exemplos da experiência quotidiana, *De fil en aiguille* (1960) desloca-se para a autobiografia espiritual. Escreveu ainda *L'Embarras du choix* (1947) e *Petite métaphysique de la parole* (1969).

J. C. Seabra Pereira

PARODI (Dominique)

Filósofo francês de origem italiana (n. Génova, 1870-m. Paris, 1955). Foi professor no liceu Michelet de Paris e inspector-geral da Instrução Pública. Pertenceu à Sociedade Francesa de Filosofia e colaborou na *Revue Philosophique*, *Revue du Mois* e *Revue de Métaphysique et de Morale* (primeiro como secretário

de redacção e depois como director, até à sua morte). A sua obra é acentuadamente marcada por estudos de moral, a que, por vezes, se associa o interesse pela sociologia. O seu pensamento evidencia a influência de Kant e também de O. /Hamelin, de que foi discípulo e grande divulgador, denotando ainda um inegável eclectismo no esforço por considerar as diversas e bem distintas tendências idealistas que então proliferavam em França. É igualmente de assinalar o apreço de Parodi pelas ciências exactas, não obstante ser um crítico do positivismo empirista de origem comtiana que pretende ultrapassar por via do idealismo crítico ou do racionalismo integral em que a sua filos. se sintetiza. *La Philosophie contemporaine en France*, de 1919, um dos seus trabalhos mais conhecidos, indica-nos na conclusão os dois sentidos que o termo «idealismo» encerra, designando quer uma «doutrina segundo a qual a razão se encontra sempre em si própria, no coração mesmo das coisas», quer, «ao mesmo tempo, o esforço prático para uma harmonia concebida pelo espírito, para um ideal de justiça ou de bondade». O idealismo que P. defende, não contemplativo ou inerte, assume-se como o único capaz de fundar, orientar e justificar a acção. Neste sentido, se funda igualmente a íntima e indispensável relação entre a razão e a moral: «se se entende por racionalismo a doutrina segundo a qual não temos outra faculdade de conhecimento senão a razão [...] todo o racionalismo deve envolver uma teoria da conduta e ser capaz de fundar a distinção entre o bem e o mal». O «racionalismo moral», que assim se enuncia na conferência com o mesmo nome proferida em 1921, define o mais genuíno e profundo projecto de P. que ele vinha já defendendo desde a sua primeira obra de vulto — *Le Problème moral et la pensée contemporaine*, de 1909: o de que a razão é o único e necessário fundamento da moral. *Les bases psychologiques de la vie morale*, de 1928, completa e confirma a doutrina exposta anteriormente, destacando agora o racionalismo moral como imanente a uma concepção positiva da vida e, a partir daí, situando-o no prolongamento do naturalismo.

Refira-se, por último, *Traditionalisme et Démocratie*, de 1909, em que P. se esforça por aplicar o seu racionalismo à política, considerando que a moral racionalista está intimamente ligada à forma democrática.

A filos. de P., condensada na expressão de um idealismo racional orientado para a acção, inspirou o exame crítico de vários moralistas seus contemporâneos. OBRAS: além de vários estudos críticos sobre os sistemas de moral de Fouillée, Bêlot, Durkheim e sobre a filos. de Hill Green, Vacherot, Durand de Gros, Rousseau e história da escola sociológica francesa: «La critique des catégories kantienne chez Renouvier», in *Revue de Métaphysique et morale*, 1904; *Morale et Biologie*, 1904; *La notion d'égalité sociale*, 1908; *Le Pragmatisme d'après Schiller*, 1908; *Le Pragmatisme d'après W. James et Schiller*, 1908; *Traditionalisme et Démocratie*, 1909; *La liberté de penser et les méthodes positives en morale*, 1909; *Le Problème Moral et la Pensée Contemporaine*, 1910; *L'éducation sociale de l'enfant*, 1910; *La Philosophie Contemporaine en France*, 1919; *Le Rationalisme moral*, in *Congrès des Sociétés de philos.*, 1921; *Les bases psychologiques de la vie morale*, 1928; *Du positivisme à l'idéalisme*, 2 vols., 1930, e *Philosophie d'hier et Philosophie d'aujourd'hui*, 1930 (ambas as publicações reunindo grande número dos seus artigos); «La pensée et le mouvement selon Bergson», in *Revue de Synthèse*, 1935; *En quête d'une philosophie*, 1935; *La Conduite humaine et les valeurs idéales*, 1939; «La durée et la matière», in *Revue de Métaphysique et morale*, 1941; *Le problème politique et la démocratie*, 1945; «Nécessité et contingence en histoire», in *Revue Métaphysique et morale*, 1949; *Notice sur la vie et les travaux de Léon Brunschvicg*, 1949.

BIBLIOGRAFIA: J. Benrubi, *Les sources et les courants de la Philosophie Contemporaine en France*, vol. 1, 1930; J. Nabert, «Dominique Parodi, La conduite humaine», in *Rev. philos. Fr. Etr.*, 1940, pp. 362-371; R. Le Senne, *Traité de Morale Générale*, 1942; A. Lalande, D. P., in *Revue de Métaphysique et Morale*, 1955, pp. 341-351; J. Nabert, D. P., in *Les Études philos.*, 1956, pp. 86-91.

M. Patrão Neves

PARTICULAR

Diz-se particular tudo aquilo que apenas convém ou pertence a um número limitado de indivíduos de um mesmo género ou espécie. Opõe-se directamente a *universal* — aquilo que pertence a todos os indivíduos, sem excepção — e distingue-se do *individual*, o qual, sendo numericamente um, é sempre singular (cf. Kant, *Crítica da Razão Pura, Analítica Transcendental*, livro 1, c. 1, 2.ª secção). Daqui podemos concluir que o sujeito de uma proposição particular é